

## FILOSOFIA AMBIENTAL: NOVA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO FLORESTAL<sup>1</sup>

James Jackson Griffith<sup>2</sup>

Sendo você um profissional que trabalha na gestão de recursos ambientais, sentiria alguma inquietude durante as seguintes situações de conversa?

- Classificando plantas, alguém diz – “É muito baixa para ser chamada árvore, mas cresce demais para ser arbusto. É árvore ou arbusto?”
- Discutindo sucessão florestal – “Maior diversidade biológica resulta em maior estabilidade; a estabilidade aumenta em cada etapa da sucessão; então a diversidade também aumenta ao longo da sucessão”.
- Escrevendo missão ambiental – “Nosso alvo é a sustentabilidade do sistema material do planeta! Ou devemos conservar o sistema que nos conecta ao material? Ou somente sustentar o material?”
- Conformando à lei – “Sei que o Código Florestal exige o auto-suprimento do carvão vegetal, mas ninguém o faz ao pé da letra como exige a lei!”
- Planejando colheita florestal – “Por que não abrir um corte raso ao longo do topo da serra, paralela a rodovia turística?”

Existe algo errado ou incerto em todas elas. Talvez muitos de vocês, por sua experiência, já tenham respostas lógicas para cada uma dessas situações. Mas vocês acham que os novos profissionais também são capazes de decifrar esses imbróglios? Não tenho dúvida que estamos formando nas universidades brasileiras excelentes engenheiros quanto ao conhecimento técnico. Entretanto, não poderíamos prepará-los melhor, intelectualmente, para lidar com situações como essas?

A necessidade de cobrir possíveis lacunas intelectuais e questionar valores e premissas duvidosas é o propósito de uma nova área que descrevo a seguir – o estudo da Filosofia Ambiental.

Como educador, minha sugestão é a seguinte: Hoje, os cursos relacionados à ambiência podem aumentar o número de candidatos por vaga, ampliar a aprendizagem dos alunos já matriculados e fortalecer a “empregabilidade” dos seus formandos, oferecendo, pelo menos como disciplina optativa, a Filosofia Ambiental. Ao contrário da crença comum, que a filosofia não tem nenhuma contribuição prática, observa-se muitas aplicações interessantes e surpreendentes como os exemplos acima (Para entendê-los melhor, vide o gabarito de dicas no final deste artigo).

O que define, então, Filosofia Ambiental e de que se trata? Talvez seja melhor defini-la fazendo um contraste com a ciência. A missão do cientista é

---

<sup>1</sup> Publicado na Revista **Forest 2004**, Rio de Janeiro: Instituto Ambiental Biosfera, 2004, p. 44-45

<sup>2</sup> Professor Titular, Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais – Brasil

investigar com rigor qualquer coisa que se preste a ser explicada usando o método científico. Para isso, o cientista usa critérios de validade considerados aceitáveis pelos especialistas “do ramo” ao qual pertence essa “coisa”, o assunto sendo investigado. Geólogos procuram explicações para fenômenos geológicos; botânicos para fenômenos botânicos; economistas para fenômenos econômicos e assim por diante.

Por outro lado, a filosofia é uma atividade ainda mais abrangente que a investigação científica porque ela é capaz de nos levar a refletir sobre o próprio processo de pensamento científico. A filosofia pode deliberar sobre todas as áreas de conhecimento. Segundo Humberto Maturana, biólogo e fundador de uma teoria sobre a cognição, “um filósofo é uma pessoa que vive na paixão do refletir sobre suas ações e suas relações em seu domínio de existência numa comunidade humana, freqüentemente, mas não necessariamente, visualizando-as sempre num domínio de valores, e fazendo isso sempre sob a condição básica de operar numa coerência lógica impecável, a partir de certas premissas básicas que ele ou ela aceitou, implícita ou explicitamente, a priori”.

Para nós que trabalhamos em gestão ambiental, adquirir tal sensibilidade, de perceber como nossas ações estão sendo influenciadas a cada momento por domínios de valores, é muito importante. Porque na prática, verificamos que nossas premissas – principalmente aquelas sobre a relação *ser humano/natureza* – têm conseqüências diretas em termos dos impactos ambientais que provocamos.

Observamos o caso de um engenheiro frustrado pela natureza, irado e a fim de fazer represálias porque suas obras de engenharia foram destruídas por uma cheia. Ele julga como culpado um córrego, acusando-o de ser indisciplinado e desobediente. Como punição, resolve canalizá-lo entre paredões retos de concreto. A necessidade de fazer uma faxina intelectual das pressuposições reinantes nesse caso é muito grande. Uma rigorosa análise filosófica de suas atitudes poderia salvar o engenheiro, a sociedade do entorno e o próprio curso d’água de muitos impactos negativos.

Quais os desafios para instalar em nossos cursos uma disciplina de Filosofia Ambiental? Em primeiro lugar, há que achar professores capacitados na matéria. Entre os quase 650 professores listados no *Catálogo 2004 da Universidade Federal de Viçosa*, somos apenas três graduados propriamente em filosofia. Entretanto, muitos outros docentes fizeram cursos de graduação ou pós-graduação em áreas próximas a filosofia tais como antropologia, pedagogia, psicologia, sociologia, ciências sociais e outras. Esses poderiam se inteirar perfeitamente, adaptando seus conhecimentos a Filosofia Ambiental.

Em segundo lugar, é necessário, na minha opinião, achar professores que reconheçam que a condição mundana do ser humano nos obriga a participarmos de atividades econômicas. Obviamente, o setor florestal pode, e deve, estar sujeitado ao olhar crítico dos acadêmicos. Mas acho que o professor que assumisse uma posição anarquista, por exemplo, contribuiria muito pouco à formação dos alunos.

Para concluir, lembro que G. P. Richardson diz no seu livro ***Feedback Thought in Social Science and Systems Theory*** (1991), que as idéias se assemelham na sua dinâmica a uma mistura de inércia e graxa lubrificante. Uma vez lançadas por alguém, se forem boas, tendem a se encaminhar nas mãos de outras pessoas, o que diminui cada vez mais seu atrito de efetivação.

Convido-lhes a melhorar o desempenho das áreas relacionadas à gestão ambiental, “engraxando-as” com a inclusão da Filosofia Ambiental. Assim, acredito que colheremos muitos frutos. O principal será a diminuição do atrito atual entre o ser humano e a natureza.

**Gabarito – ramos da filosofia aplicáveis aos exemplos ambientais citados:**

A epistemologia pode explicar como funciona o processo cognitivo de classificação (“árvore ou arbusto”); O segundo exemplo é um silogismo (sobre a sucessão ecológica), o que pertence à lógica. A ontologia questiona a essência das coisas (o debate “material ou sistema” levantado no terceiro exemplo). Se dever ou não conformar à lei é questão da ética. No último exemplo, a abertura de um “dente” de corte raso no perfil da serra pode atingir a sensibilidade estética dos turistas.